

## A ORGANIZAÇÃO ARGUMENTATIVA DO DISCURSO CIENTÍFICO EM REPORTAGEM DO JORNAL NACIONAL

### THE ARGUMENTATIVE ORGANIZATION OF THE SPEECH SCIENTIFIC IN REPORT OF THE JORNAL NACIONAL

Jader Gontijo Maia<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este texto apresenta uma proposta de análise da organização argumentativa de uma reportagem televisiva e de algumas falas de especialistas sobre a temática ambiental, mais especificamente sobre aquecimento global e mudanças climáticas. Para isso foi selecionada uma reportagem do telejornal Jornal Nacional, da Rede Globo, na edição do dia 19 de junho de 2012. Nela foram observados os modos de raciocínio utilizados pelos cientistas em seus argumentos de refutação da tese de implicação humana como causa das alterações no clima, como também os tipos de saberes empregados no processo de racionalização argumentativa. Para as observações e análises dos processos de organização argumentativa da reportagem foram utilizadas a fundamentação conceitual e a metodologia propostas por Patrick Charaudeau, a partir de sua concepção de argumentação enquanto uma problemática de influência; bem como o arcabouço teórico e metodológico de sua perspectiva teórica Semiolinguística. Ideias sobre imaginários sociodiscursivos, discurso de informação e características do gênero reportagem televisiva vem incorporar o conjunto conceitual em que se baseia a análise. Pode-se perceber neste trabalho, além da estruturação argumentativa da própria reportagem, que os argumentos utilizados pelos especialistas sobre o aquecimento global, e percebidos por meio de trechos de suas falas, se organizam predominantemente em torno de saberes de conhecimento, como se esperaria de um discurso científico, mesmo que obedecendo a um princípio de simplificação, exigido pelo dispositivo televisivo. Quanto aos modos de raciocínios empregados, quase sempre ocorrem articulações entre deduções, cálculos, oposições e analogias, com ênfase no uso dos dois primeiros.*

**Palavras-chave:** Argumentação, Influência, Reportagem Televisiva.

**Abstract:** *This paper presents a proposal for a review of the organization of an argumentative television report and some speeches of experts on environmental issues, specifically on global warming and climate change. For this we selected a report in the Jornal Nacional newscast, Rede Globo, the issue of the day June 19, 2012. It was observed modes of reasoning used by scientists in their rebuttal arguments of the thesis as a cause of human implications of climate change, as well as the types of knowledge used in the process of streamlining argumentative. For the observations and analyzes of organizational processes of argumentative report were used the conceptual basis and methodology proposed by Patrick Charaudeau, from his conception of argumentation as a problematic influence, as well as the theoretical and methodological framework of a theoretical perspective Sémiolinguistique. Ideas about imaginaire socio-discursif, information discourse and gender characteristics television report comes incorporate conceptual framework that underlies the corpus analysis. Can be seen in this work, besides structuring argumentative's own report, the arguments used by experts on global warming, and perceived through excerpts from their speeches, are organized predominantly around knowledge of knowledge, as one would expect from scientific discourse, even if obeying a principle of simplification required by the device television. As the modes of reasoning employed, almost always occurs articulation between deductions, calculations, opposites and analogies, focusing on the use of the first two.*

**Keywords:** Argument, Influence, TV Report.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: [daomaia@gmail.com](mailto:daomaia@gmail.com)

## 1 Introdução

Este texto apresenta uma discussão modesta sobre algumas ideias relacionadas ao conceito de *argumentação*. A proposta é realizar uma análise da organização argumentativa de uma reportagem televisiva e de algumas falas de especialistas sobre a temática ambiental, mais especificamente sobre aquecimento global e mudanças climáticas. Para isso foi selecionada uma reportagem do telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo, na edição do dia 19 de junho de 2012, em que se procurou observar quais os modos de raciocínios são utilizados pelos cientistas para organizar argumentativamente seus discursos e defender suas teses sobre as alterações no clima.

Em um primeiro momento, o texto apresenta um panorama sobre algumas características das três dimensões da argumentação, sendo elas a argumentação como atividade de pensamento, a argumentação enquanto atividade de língua e a argumentação como discurso. Serão feitas também algumas considerações sobre os tipos de saberes (*conhecimento e crença*), sobre discurso de informação, discurso científico na mídia e sobre o gênero reportagem televisiva.

Para as observações e análises dos processos de organização argumentativa da reportagem foram utilizadas a fundamentação conceitual e a metodologia<sup>2</sup> propostas por Patrick Charaudeau, a partir de sua concepção de argumentação enquanto uma *problemática de influência*.

## 2 A argumentação em uma perspectiva discursiva

A perspectiva filosófica que toma a argumentação enquanto uma atividade do pensamento é oriunda da tradição lógica, iniciada em Platão, reformulada em Aristóteles e tratada por Descartes e outros pensadores modernos e contemporâneos. Ela sustenta a ideia de autonomia do pensamento em relação à linguagem e que a força do argumento se encontraria nos modos de raciocínio empregados.

Aristóteles propõe que o pensamento seria constituído por basicamente dois tipos ou modos de raciocínios: os *raciocínios analíticos*, que são mecanismos de conhecimento e demonstração analítica dos fatos e da verdade, mecanismos estes caracterizados pelos

---

<sup>2</sup> Os instrumentos adotados para as análises são os *modos de raciocínio* (*dedução, analogia, oposição e cálculo*) e os *tipos de saberes* (de conhecimento e de crença).

silogismos (premissas e conclusão) utilizados pela lógica formal. Também constituem o mecanismo do pensamento os chamados *raciocínios dialéticos*, que seriam formas de pensar a partir de proposições prováveis e opiniões sustentadas pelos oradores durante o processo de argumentação.

Para os chamados racionalistas, a razão, ou o pensamento racional, seria a verdadeira fonte de conhecimento. E a ciência, partindo de conhecimentos puramente racionais e desenvolvendo deduções rigorosas pelo método da demonstração, poderia assim atingir uma ‘verdade’ absoluta.

No que se refere aos processos de demonstração analítica da verdade empregados pela lógica formal, por meio do pensamento racional, são várias as características. No modo de raciocínio dedutivo, a verdade da conclusão decorre necessariamente da relação lógica entre as premissas que se aceitam sem discutir a sua verdade. A estrutura lógica formal se caracteriza por sua organização abstrata, impessoal e independente do contexto, além de se mostrar rigorosa e infalível. É marcada também pela utilização de uma linguagem isenta de ambiguidade que impõem uma certeza, uma verdade universal e necessária, sem considerar o auditório. Na argumentação formal o pensamento crítico resulta, então, da aplicação de modos de raciocínio lógico que permitem analisar e expressar criticamente textos e argumentações e contribuem para identificar falácias que aquelas aparentam demonstrar, permitindo distinguir uma argumentação convincente de uma persuasiva e de avaliar a natureza de suas premissas.

Entretanto, os modos de raciocínios que a demonstração analítica emprega em busca da verdade dos fatos ignoram as relações existentes entre os indivíduos que, durante o processo de interação social e de produção de discursos, se ocupam a influenciar uns aos outros, a sustentar seus argumentos, utilizando para isso diferentes estratégias de argumentação.

Outra abordagem dos aspectos da argumentação pode ser encontrada em Oswald Ducrot e Jean-Claude Ascombe que propuseram, a partir de meados dos anos 70, uma teoria da argumentação que designaram como teoria da ‘argumentação na língua’, ou ainda, ‘argumentação linguística’. Esta perspectiva compreende que a argumentação é uma atividade da língua e que haveria a primazia desta sobre o pensamento.

Ducrot (2009) postula em sua teoria que os próprios segmentos linguísticos possuem uma argumentatividade intrínseca, isto é, a argumentação, definida como a lógica dos encadeamentos de enunciados, está inscrita na língua. Isso significa que é possível detectar nas estruturas dos enunciados o modo de sua formulação, ou seja, com base nos próprios enunciados seria possível prever os enunciados aos quais se ligam. Nesse sentido, Ducrot e

Ascombe notam que a função dos enunciados, seria a de conduzir ou orientar os destinatários para certas conclusões. Para eles, esta orientação estaria relacionada com uma estrutura linguística e um sentido, ambos implícitos.

Uma reação à concepção matemática do pensamento lógico será retomada pelos defensores da chamada Nova Retórica. Entre eles está o trabalho denso e abrangente de Chaïm Perelman com a proposição de uma nova teoria da argumentação, um novo modo de compreender a organização dos procedimentos argumentativos. Em seu texto intitulado *Tratado da Argumentação: a nova retórica*, Perelman retoma e reformula algumas ideias de Aristóteles sobre as técnicas de argumentação retórica e dialética. Entretanto o autor dará preferência à aproximação com a retórica, uma vez que a noção de dialética com o tempo teria adquirido um sentido pejorativo, distante do original.

Em sua *Nova Retórica*, o que está em questão é o modelo da racionalidade que tradicionalmente acabou por reduzir o pensamento lógico à chamada Lógica Formal e seus métodos de demonstração. Com uma concepção mais ampla sobre a razão, Perelman percebe que a atividade racional não se reduz ao rigor lógico da demonstração. Ele irá então estabelecer uma separação entre pensamento demonstrativo e pensamento argumentativo, procurando mostrar, por meio de uma classificação das operações e dos processos de argumentação retórica, que esta não pode ser excluída do campo da racionalidade.

Para Perelman, a atividade racional tem uma dimensão prática que permite fundamentar com certa razoabilidade as preferências dos indivíduos. Para mostrar a coerência de suas escolhas e com isso ganhar a adesão do auditório o orador precisa argumentar pela via do razoável. Essa nova lógica a que Perelman chama de *Nova Retórica* encontra-se então inserida numa lógica do preferível, portanto dirigida a auditórios particulares em situações específicas.

Em Perelman (2005), um aspecto fundamental que distingue sua *Teoria da Argumentação da Lógica Formal* é a questão da adesão do auditório. Dirá ele: “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve”. Para isso faz-se necessária a utilização de uma linguagem comum, pois “toda argumentação visa à adesão dos espíritos, e por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual” (PERELMAN, 2005, p. 16). A argumentação torna-se eficiente nessa perspectiva, uma vez que a adesão do auditório às ideias e proposições do orador se efetivará por meio do que o autor chama de *Acordos*, isto é, aquilo que é suposto já admitido pelo auditório, seja ele universal ou particular (especializado). Perelman classifica os tipos de objetos em duas grandes categorias: *objetos do real* (fatos, verdades, presunções), com pretensão à validade universal, e *objetos do*

*preferível* (valores, hierarquias, lugares) relacionados a auditórios particulares. A elaboração de um quadro teórico de análise como o de Perelman insere a argumentação no campo discursivo, uma vez que ela é compreendida enquanto uma atividade de discurso, constituindo desse modo uma teoria pertinente para analisar os discursos sociais.

Nesse sentido, Ruth Amossy (2009) propõe que seja conferido ao discurso o estatuto de unidade do estudo da argumentação. Para esta autora, que se inspira em Perelman e nos recentes desenvolvimentos da linguística discursiva, a dimensão persuasiva de um discurso é indissociável dos níveis de argumentatividade que ele apresenta. O estudo da argumentação na análise do discurso conduz a uma abordagem que leva em consideração as noções de sujeito psicossocial, de situação de comunicação, bem como as relações sociais inerentes a todo processo discursivo. O discurso leva em conta também os valores, crenças, normas e regras cuja consideração contextual ou situacional, ultrapassa a ideia generalizante de uma perspectiva universalista da argumentação.

Já Patrick Charaudeau (2008) insere a argumentação (e os atos de linguagem) em uma *problemática da influência* e para compreender este processo o autor sustenta a proposta de uma *interdisciplinaridade focalizada*, em que há necessidade de conjugar noções e conceitos oriundos de diversas disciplinas, como a psicologia social, a sociologia, a filosofia da linguagem, entre outras. Conceitos que dentro da perspectiva da Análise do Discurso ganham uma redefinição apropriada.

Para Charaudeau (2008) o ato argumentativo está inserido numa dada situação de comunicação que o valida e pode ser compreendido em três grandes ordens argumentativas: a *demonstração* (estabelecer uma verdade), a *explicação* (fazer saber uma verdade já estabelecida) e a *persuasão* (fazer crer). Isto implica dizer, de acordo com o autor, que o sujeito argumentante leva em conta as instruções da situação de comunicação na qual se encontra para promover uma tripla atividade discursiva de argumentação: *problematizar* (questionar dentro de um domínio temático), se *posicionar* (escolher um ponto de vista) e *provar* (racionalizar e argumentar para justificar sua escolha). Para tanto, o sujeito argumentante irá lançar mão de uma série de estratégias, buscando influenciar seu interlocutor. Por meio dessas estratégias, sejam elas argumentativas, narrativas, descritivas e enunciativas é que o processo de influência se efetiva.

No que se refere aos modos de raciocínio, Charaudeau (2008) recupera a tradição retórica para reagrupar em número de quatro os tipos de raciocínios. São eles: raciocínio por *dedução*, raciocínio por *analogia*, raciocínio por *oposição* e raciocínio por *cálculo*. Explica o autor:

O raciocínio por dedução corresponde aos tipos de ligações de causalidade que podem ser estabelecidos entre uma asserção e sua causa ou uma asserção e sua consequência [...]. O raciocínio por analogia consiste em estabelecer uma aproximação entre ao menos dois fatos, dois saberes, dois julgamentos, dois comportamentos, etc. [...]. O raciocínio por oposição consiste em comparar fatos, estados, julgamentos opostos que se excluem, o que permite argumentar evidenciando as contradições ou as incompatibilidades [...]. O raciocínio por cálculo consiste em se apoiar sobre uma operação mais ou menos matemática de igualdade (“Trabalho igual, salário igual”), de interpelação recíproca (“Olho por olho, dente por dente”), de transitividade (“Os amigos dos meus amigos são meus amigos”), de proporcionalidade (“Mais se ganha, mais se paga imposto, menos se ganha, menos se paga”). (CHARAUDEAU, 2008, p. 11, tradução nossa).

Como foi possível perceber, a argumentação dentro do quadro teórico da Análise do Discurso incorpora diversos conceitos de diferentes disciplinas, noções que contribuem para o enriquecimento da compreensão dos fenômenos e processos argumentativos, permitindo entender melhor os mecanismos de influência e persuasão presentes nos discursos sociais que circulam pelo espaço público.

### 3 Os tipos de saberes: *conhecimento e crença*

Os imaginários sociodiscursivos se estruturam a partir do processo de significação da realidade, isto é, de semiotização do mundo, que o homem realiza por meio da linguagem. Para Charaudeau (2006), o imaginário resulta de uma dupla interação: do homem com o mundo e do homem com o homem. Segundo ele, a realidade não pode ser apreendida enquanto tal, ela existiria independente do homem, mas teria, em contrapartida, “necessidade de ser percebida pelo homem para poder significar. É essa atividade de percepção significativa que produz os imaginários, que por sua vez dão sentido à realidade” (CHARAUDEAU, 2006, p. 203).

Esse processo de produção de sentido que leva à construção dos *saberes* corresponde às formas de organização dos sistemas de pensamento e podem ser classificados em dois grandes grupos ou categorias: *saberes de conhecimento* e *saberes de crença*. O *saber de conhecimento* é caracterizado por ser uma categoria em que o saber encontra-se fora do sujeito, portanto sua verdade é exterior ao sujeito e orientada do mundo para o homem, podendo ser verificada e comprovada. Produz por um lado um tipo de saber *culto* (provado) e *teórico* (demonstrativo), isto é, uma construção puramente intelectual, como os conhecimentos promovidos pelas ciências, sobretudo as naturais, e suas pesquisas. Por outro

lado gera um tipo de saber fundado na *experiência*, naquilo que pode ser percebido e experimentado pelo sujeito e compartilhado socialmente, um saber de natureza empírica que o mundo imprime ao homem.

O *saber de crença* por sua vez é um tipo de saber cuja verdade encontra-se no próprio sujeito, em sua singularidade, portanto não é verificável como no conhecimento teórico. É um saber orientado do homem para o mundo e que produz tipos de saberes ligados a uma *revelação* e conseqüente adesão a determinadas ideologias, doutrinas e dogmas; bem como tipos de saberes reveladores de *opinião*, de uma apropriação de determinadas ideias e valores que colocados em um campo de discussão levam à formação da opinião (comum/relativa/coletiva).

#### 4 O discurso de informação e o falar científico na televisão

Todo ato de comunicação depende de um *contrato de comunicação* e o sentido do discurso resultaria das condições específicas da situação de comunicação e do reconhecimento, pelos parceiros da troca linguageira, das restrições situacionais e discursivas que lhes são impostas. A *situação de comunicação* seria, então, essa capacidade dos parceiros em reconhecer as restrições às quais estão submetidos, durante o ato de comunicação: restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, bem como inferências em relação às identidades dos parceiros da troca. Diz Charaudeau (1997, p. 67): “a situação de comunicação constitui o quadro de referência ao qual estão ligados os indivíduos de uma comunidade social no momento em que se comunicam”. Ela determinaria, então, através das características de seus componentes, as condições de produção e reconhecimento dos atos de comunicação.

No caso da comunicação midiática é a partir da relação entre duas instâncias discursivas, uma enquanto lugar de produção do discurso (*instância de produção*) e outra de recepção e interpretação desse discurso (*instância de recepção*) que o sentido do discurso se realiza, por meio de um duplo processo: *processo de transformação* e *processo de transação* (CHARAUDEAU, 1997, p. 72)<sup>3</sup>.

O discurso de informação tem a finalidade inicial de *fazer-saber* ao outro, o que pressupõe que a *instância de produção* deve possuir um saber que a *instância de recepção* não detém e para isso ela vai utilizar-se de efeitos de veracidade que serão empregados no processo de configuração discursiva, com o objetivo de alcançar a almejada credibilidade da

---

<sup>3</sup> Não será considerado aqui o *processo de interpretação*, apresentado por Charaudeau em *Discurso das Mídias*, de 2006.

informação. Encontra-se, portanto, em uma situação de tensão entre os dois pólos que o legitimam: a *credibilidade* (informação) e a *sedução* (captação). É necessário então que se efetue um ajuste contínuo entre o ‘registro sério’ caracterizado pela *finalidade de informação* e o ‘princípio do prazer’ ligado à *finalidade de captação*, para que se alcance o objetivo central da comunicação, que é captar o maior público possível sem comprometer a credibilidade da informação noticiada.

Quanto à relação estabelecida entre o discurso científico e o discurso de informação faz-se necessário observar que, no caso deste trabalho, o objeto de análise diz respeito a um debate científico em torno da temática ambiental tratado na televisão, mais especificamente por reportagem de telejornal. Os especialistas ouvidos fazem parte da comunidade científica e tem necessariamente que promover uma simplificação do discurso para se fazer entender por um grande público<sup>4</sup>. Além disso, o próprio processo de coleta e tratamento das informações por parte da equipe de reportagem atua na simplificação e organização dos assuntos de modo a serem compreendidos pelo maior número de telespectadores possível. Toda a complexidade dos cálculos realizados pelos cientistas e necessários para a comprovação das hipóteses e teorias propostas devem ser traduzidos, simplificados e até eliminados da notícia, pois a linguagem televisual não permite a utilização de dados complexos e em quantidade excessiva, na organização das informações. O discurso deve ser claro e compreensível para alcançar um público amplo e diversificado, que é o público de um telejornal de abrangência nacional, em televisão aberta e em horário nobre.

## 5 Objeto da análise: reportagem televisiva

Foi destacado, para análise dos processos de racionalização argumentativa, o gênero informativo *reportagem*, predominante nos telejornais da grande maioria das emissoras de televisão no Brasil. De acordo com Charaudeau (1997, p. 217), a *reportagem* é uma forma televisual que se caracteriza pela finalidade de explicar um dado fenômeno social (uma desordem social ligada a um *princípio de saliência*) constituído geralmente por um conjunto de fatos produzidos no espaço público no qual o homem é implicado. Ela geralmente possui um ponto de vista tido como distanciado e global sobre estes fatos (*princípio de objetivação*) e que possibilita um questionamento sobre o fenômeno tratado (*princípio de inteligibilidade*).

---

<sup>4</sup> O conceito de *vulgarização* (Charaudeau, 1997: 62-63) está relacionado com o fato de os meios de comunicação de massa terem como objetivo atingir o maior número possível de pessoas, isto é, índices elevados de audiência; ora, para conseguir alcançar esse público abrangente, a mídia utilizaria estratégias e recursos de captação que poderiam levar a uma ‘*vulgarização deformante*’ da informação.

A reportagem é organizada a partir de um conjunto de enunciações que constroem um sentido em torno de determinado assunto ou fato. Nela, as palavras dos entrevistados revelam um ponto de vista pessoal do relato jornalístico, sejam eles especialistas, políticos, celebridades e pessoas anônimas, falas estas gerenciadas pelo jornalista, profissional responsável pela organização e agenciamento das informações que compõem a reportagem.

A reportagem é, portanto, uma forma comunicacional que promove o encontro do público com os acontecimentos do mundo, que lhes são apresentados pela instância midiática de modo abrangente e pregnante<sup>5</sup>. Ela fornece, pois, os elementos e requisitos necessários para se efetuar a observação e análise das estratégias de argumentação empregadas pelos sujeitos argumentantes; proposta deste trabalho.

A reportagem escolhida para análise foi extraída do telejornal noturno intitulado *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, na edição do dia 19 de junho de 2012. Nessa semana, em razão da ocorrência do encontro internacional Rio+20, o *Jornal Nacional* e outros telejornais noticiaram e reportaram assuntos relacionados com a temática geral do evento: *meio-ambiente*. A reportagem (*Grupo de cientistas não vê motivo de alarme para mudanças climáticas*) possui duração de dois minutos e trinta segundos e trata do debate em torno das causas e consequências do aquecimento global.

A reportagem apresenta as opiniões de cientistas que se posicionam contra a ideia a qual as ações do homem estariam relacionadas com as mudanças climáticas no planeta. São apresentados então os argumentos que tais especialistas defendem para rebater as afirmações dos ambientalistas. Em meio a um bombardeio de reportagens e notícias sobre meio-ambiente, esta reportagem parece se colocar como um outro ponto de vista dentro de um conjunto de noticiários que predominantemente adotam uma perspectiva pró-ambientalista<sup>6</sup>. A reportagem mostra um contraponto à opinião majoritária, apresentando a perspectiva dos cientistas e especialistas considerados céticos, isto é, que não acreditam que a intervenção do homem no planeta esteja relacionada com os processos de mudanças no clima e na temperatura, de modo global. Segundo eles, estes processos fariam parte do ciclo histórico da Terra e ocorreriam de tempos em tempos, independentes das ações do homem.

---

<sup>5</sup> A *pregnância* é classificada por Charaudeau como a capacidade de determinados fenômenos penetrarem na afecção humana de tal modo a impregnar de sentimentos e valores sociais e humanos e levar a um aprofundamento do tratamento de determinados temas e informações. *Atualidade*, *saliência* e *pregnância* são os principais critérios de noticiabilidade que norteiam os profissionais da informação, na compreensão do autor.

<sup>6</sup> O que não deixa de ser natural que ocorra, uma vez que as mídias dentro de sua ‘missão cívica’ de promoção dos valores democráticos (democracia de massa) só poderiam promover o bem social, entre eles os bens naturais: a preservação da natureza e do meio-ambiente.

Nessa mesma edição de 19 de junho do *Jornal Nacional* foram exibidas outras três reportagens sobre a Rio+20:

- *Prefeitos anunciam plano para reduzir emissões de gases poluentes* (2'11'')
- *Rio+20 chega a acordo sobre texto que será entregue a chefes de Estado* (2'43'')
- *Segurança aumenta com chegada de delegações à cidade para Rio+20* (2'15'')

Outro aspecto a ser considerado é que nesses tipos de eventos (Rio+20, Cúpula dos Povos, C-40) converge uma pluralidade muito vasta de nações, culturas, valores e crenças. Apesar da multiplicidade de visões e propostas, os discursos parecem convergir em um imaginário universal, um projeto de sociedade ideal, de um ideal comum para todos os povos, que poderia ser representado na imagem de um mundo sustentável, com recursos suficientes e disponíveis, em uma convivência harmoniosa entre os sistemas produtivos e da natureza.

## **6 Descrição da reportagem: a organização discursiva do ato argumentativo**

Quanto ao processo de racionalização argumentativa proposto pela reportagem, podem ser feitas algumas observações. Já na chamada para a reportagem realizada pelos apresentadores em estúdio, o texto apresenta o tema da responsabilidade sobre o aquecimento global e o contraponto defendido por um grupo de cientistas que defendem a não responsabilização do homem pelas mudanças climáticas.

*Chamada:*

*Em meio às discussões sobre o perigo do aquecimento global e a responsabilidade do homem nas mudanças climáticas, um grupo de cientistas respeitados defende uma posição diferente da maioria.*

## **PROBLEMATIZAÇÃO**

Ao iniciar a reportagem, logo na abertura já se percebe a problematização levantada pela reportagem em torno da temática ambiental, com a repórter em uma locução *off*<sup>7</sup> partindo de um suposto consenso (a temperatura do planeta estaria aumentando) e seguindo com questões sobre as consequências desse aquecimento e de quem seria a culpa.

---

<sup>7</sup> Procedimento utilizado no telejornalismo que consiste em segmentos de textos com informações, cuja leitura é realizada pelo repórter e cobertos por imagens na edição. O *off* é um dos procedimentos que constituem a reportagem.

*OFF:*

*Que a temperatura do nosso planeta está aumentando, todos concordam, mas quais seriam as consequências do aquecimento global? E quem é o grande vilão?*

Em seguida apresenta o relatório da ONU como referência da comunidade científica internacional em que se argumenta que o homem seria o principal responsável pelo aquecimento global. E que um grupo de cientistas se posiciona contra a ideia de catástrofe ambiental e de influência humana nos processos de mudanças globais do clima.

POSICIONAMENTO:

(O HOMEM NÃO É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO AQUECIMENTO GLOBAL)

*PASSAGEM:*<sup>8</sup>

*O relatório da ONU, divulgado em 2007, que se tornou referência da comunidade científica diz que o homem é o principal responsável pelo aquecimento global. Mas um grupo de pesquisadores respeitados discorda dessa conclusão e afirma que não há motivo para alarme.*

Seguem então uma seqüência de falas de cientistas e especialistas (céticos) que se posicionam contrários à tese que responsabiliza as atividades humanas e os processos produtivos pelo aquecimento do planeta e as consequentes mudanças no clima.

*OFF:*

*O professor de meteorologia do MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, disse em uma entrevista pela internet que as mudanças climáticas acontecem em ciclos e fazem parte da história da Terra:*

*SONORA:*<sup>9</sup>

*"O homem tem pouca influência sobre isso (disse Richard Lindzen) e não há muito o que fazer para mudar o que está acontecendo".*

PROVAS

Nas falas dos cientistas são apresentadas de modo simplificado e até elíptico as provas e argumentos que buscam comprovar suas ideias e refutar as teorias catastrofistas e alarmistas vigentes. Provas estas muitas vezes implícitas, pois na televisão e no discurso de informação

---

<sup>8</sup> Procedimento utilizado pelo repórter na realização da reportagem, que consiste na transmissão direta das informações pelo repórter, diante da câmera.

<sup>9</sup> Procedimento utilizado na reportagem em que são inseridas entrevistas e falas dos personagens e especialistas ouvidos pela reportagem.

não há como apresentar e detalhar os cálculos realizados nas pesquisas<sup>10</sup>. Estas provas procuram confirmar as proposições de que o aquecimento poderia levar no futuro, até mesmo, a um aumento na produção de alimentos.

*OFF:*

*O físico da universidade de Princeton, William Happer, concorda e afirma que o aumento da emissão de gás carbônico na atmosfera pode até aumentar a produtividade da agricultura.*

*SONORA:*

*“A ideia de que haverá uma catástrofe não faz sentido. Acho que no futuro nossos netos vão até agradecer por esse aumento”.*

*OFF:*

*As previsões pessimistas marcaram a carreira do cientista James Lovelock. Considerado o guru do movimento ambientalista, ele chegou a afirmar que seria muito tarde para salvar a Terra. Agora, Lovelock admite: [a mudança climática não é tão rápida nem catastrófica como imaginava].*

*OFF:*

*O professor do departamento de Geografia da USP, José Bueno Conti, está entre os 18 cientistas brasileiros que em maio assinaram uma carta aberta à presidente Dilma Rousseff. No documento, criticavam o alarmismo do movimento ambientalista. Para Conti, o homem interfere sim no clima, mas somente em escala local, principalmente nas zonas urbanas.*

*SONORA:*

*“As mudanças do clima na escala global, elas são determinadas por fatores de muito maior escala, por exemplo, os fatores astrofísicos, geológicos e especialmente a radiação solar, essa é que é a principal causa das alterações climáticas do planeta na escala maior”.*

## 7 Análises

Para esta aplicação serão considerados três segmentos da reportagem descrita acima que representam as falas dos especialistas entrevistados. Estas sonoras<sup>11</sup> sintetizam argumentos que se colocam contra as proposições dos cientistas e ambientalistas defensores da tese segundo a qual as ações do homem e a industrialização promovem o aquecimento global e mudanças climáticas no planeta.

---

<sup>10</sup> Há trechos de imagens na cobertura do *off* relativo ao professor Willian Happer em que se percebe um plano médio que mostra folhas com gráficos, possivelmente de um artigo científico, nas mãos do entrevistado.

<sup>11</sup> As falas dos especialistas na reportagem são traduzidas na voz da própria repórter.

A própria característica do gênero reportagem televisiva determina a seleção dos trechos de fala que sintetizam as proposições de cada especialista entrevistado. Torna-se possível então detectar os modos de raciocínio utilizados, bem como os tipos de saberes empregados na organização argumentativa dos discursos analisados.

Ambas as falas respondem a uma problematização sobre o tema do aquecimento global (mudanças climáticas) e os argumentos que responsabilizam o homem pelo aumento na emissão de gás carbônico na atmosfera e pelo conseqüente aumento da temperatura no planeta. Elas se posicionam contra esta ideia majoritária e ambientalista da responsabilidade do homem, e em defesa da teoria de que o homem não interfere globalmente no meio-ambiente, apenas de modo localizado e principalmente em centros urbanos. Seguem as análises:

**SONORA 1: Richard Lindzen, Professor de meteorologia do MIT, Instituto de Tecnologia de Massachusetts.**

*“O homem tem pouca influência sobre isso (disse Richard Lindzen) e não há muito o que fazer para mudar o que está acontecendo”.*

**Dedução** – O raciocínio empregado procura demonstrar que o processo responsável pelas mudanças no clima é mais amplo e mais potente que as interferências realizadas pelo homem; e que as forças da natureza são infinitamente maiores que as forças humanas. Desse modo, não haveria o que fazer em relação às atividades que fazem parte de ciclos históricos que afetam e modificam o clima e que seriam inevitáveis.

**Oposição** – O argumento ‘o homem *tem pouca* influência sobre isso’, parece opor à ideia de que o homem **tem muita** responsabilidade, ou seja, seria o grande responsável pelas alterações no clima (posição ambientalista). Outro possível raciocínio por oposição utilizado estaria em ‘*não há muito o que fazer*’, em vez de ‘*vamos salvar o planeta*’ (posição ambientalista).

**Cálculo** – Os argumentos utilizados pelos cientistas são (ou deveriam ser) necessariamente baseados em cálculos e pesquisas científicas que apresentam certa coerência dentro do campo de conhecimento em debate, para que possa ter a credibilidade dos dados reconhecida.

**Tipo de saber:** os imaginários utilizados na configuração discursiva estão associados a saberes de conhecimento, no caso, científico e teórico.

**SONORA 2: William Happer, Físico da universidade de Princeton.**

*“A ideia de que haverá uma catástrofe não faz sentido. Acho que no futuro nossos netos vão até agradecer por esse aumento”.*

**Dedução** - O enunciado se refere à ideia de que o aumento de gás carbônico na atmosfera levaria a um consequente aumento da temperatura no planeta; e que isso poderia causar uma catástrofe, coisa que não faria sentido para o cientista. Pois, para ele, esse aquecimento provocaria o aumento da umidade e das chuvas, levando a maior produtividade agrícola.

**Oposição** - O raciocínio utilizado opõe algumas previsões: em vez de catástrofe, o progresso e a fartura; em vez de destruir irá melhorar; em vez de lamentar a ‘herança maldita’ irão agradecer a dádiva da natureza.

**Cálculo** – Em princípio, os argumentos utilizados pelos cientistas são necessariamente baseados em cálculos e pesquisas científicas que apresentam certa coerência dentro do campo de conhecimento em debate, para que possa ter a credibilidade dos dados reconhecida. O raciocínio realizado parece ser algo do tipo: quanto maior o calor, maior a umidade, o que levaria a mais chuvas e a maior produtividade (*Proporcionalidade*).

**Tipo de saber:** os imaginários utilizados na configuração discursiva estão associados a saberes de conhecimento, no caso, científico e teórico. Também é possível perceber um tipo de saber de crença ligado à ideia de um futuro melhor; de uma opinião (*relativa*) lançada sobre um porvir imponderável: *“Acho que no futuro nossos netos vão até agradecer por esse aumento”.*

**SONORA 3: José Bueno Conti, Professor do departamento de Geografia da USP.**

*“As mudanças do clima na escala global, elas são determinadas por fatores de muito maior escala, por exemplo, os fatores astrofísicos, geológicos e especialmente a radiação solar, essa é que é a principal causa das alterações climáticas do planeta na escala maior”.*

**Dedução** - O processo responsável pelas mudanças no clima é mais amplo e mais potente que as forças impostas pelo homem. As forças da natureza são infinitamente maiores que as forças humanas. Para se produzir tais mudanças são necessárias atividades naturais de dimensões supra-humanas, que estão além da capacidade do homem de produzir e interferir de modo efetivo e global.

**Analogia** - Comparação entre fatores causadores das mudanças climáticas: *‘por exemplo, os fatores astrofísicos, geológicos e especialmente a radiação solar’*. As mudanças estariam, portanto, associadas aos fatores de grandes dimensões (*‘escala global’*), que ocorreriam de tempos em tempos.

**Oposição** – O raciocínio parece jogar com certas oposições: local-global, fatores globais em vez de influência local.

**Cálculo** – Os argumentos utilizados pelos cientistas são (ou deveriam ser) necessariamente baseados em cálculos e pesquisas científicas que apresentam certa coerência dentro do campo de conhecimento em debate, para que possa ter a credibilidade dos dados reconhecida.

**Tipo de saber:** os imaginários utilizados na configuração discursiva estão associados a saberes de conhecimento, no caso, científico e teórico.

## 8 Conclusão

Pode-se perceber neste trabalho, além da estruturação argumentativa da própria reportagem, que os argumentos utilizados pelos especialistas sobre o aquecimento global, e percebidos por meio de trechos de suas falas, se organizam predominantemente em torno de saberes de conhecimento, como se esperaria de um discurso científico, mesmo que obedecendo a um princípio de simplificação, exigido pelo dispositivo televisivo. Quanto aos modos de raciocínios empregados, quase sempre ocorre articulação entre deduções, cálculos, oposições e analogias, com ênfase no uso dos dois primeiros. Isso demonstra que a organização do discurso científico parece corresponder a uma lógica de estruturação dos argumentos comum a este campo de conhecimento. As provas apresentadas são fundamentadas em pesquisas e cálculos científicos realizados em diferentes domínios das ciências e como diria Charaudeau (2008, p. 11): “Este modo de raciocínio tem a vantagem de

dar ao argumento, ao menos em aparência, todas as garantias do rigor matemático”<sup>12</sup>. Desse modo, os cientistas buscam demonstrar suas proposições ao mesmo tempo em que refutam as teorias vigentes.

### Referencias

AMOSSY, R. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2009.

CHARAUDEAU, P. **Le Discours d'information médiatique: la construction du miroir social**. Paris: Nathan, 1997.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006a.

CHARAUDEAU, P. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

CHARAUDEAU, P. **Pathos e Discurso Político**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 240-251.

CHARAUDEAU, P. **Argumentation et analyse du discours**. N. 1. 2008.

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação lingüística. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

EMEDIATO, W. L'argumentation dans le discours d'information médiatique. In: **Revue Argumentation & Analyse du Discours**. N. 7. 2011. Disponível em: <<http://aad.revues.org/1209>>. Acesso em: jan. 2011.

PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, C. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Data de recebimento: 29 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.

---

<sup>12</sup> Tradução nossa.